

EMBORAJA EXCESSO

LU BRITO



Abertura Opening

28.10.2022 | 19h 7pm

Visitação Visitation

29.10 a 19.11.2022

Horário de visitação Hours

Quartas às sextas Wed. to Friday

15 às 19h 3 to 09pm

Aos sábados on Saturdays

9 às 12h 9 to 12am

Curadoria Curated

Fábio Gatti

Tradução Translation

Simon Johnson

@ativa_atelier_livre

Este excesso de realidade me confunde ou toda repetição é política

Difícil enxergar quando tudo é maior que os próprios olhos. Para facilitar, Lu Brito propôs repetir-se. Talvez ela mesma não se enxergasse e, por isso, recorreu a mais de si: até tornar-se excesso; que pode ser a sobra, a quantidade extra de alguma coisa, como também a ilegalidade quando se ultrapassa os padrões de quaisquer normas vigentes. Estar fora da lei – aqui uma qualidade política – é excesso. Essa abundância, encontrada tanto na postura criativa quanto na vida da artista, representa a ideia de intensidade como impulso organizativo no desarranjo do real. E, nessa realidade, a repetição abre uma brecha.

Em Lacan, no *Seminário 11*, essa abertura do real é a falta a ser: aquilo que se abre quando se julga alcançar uma causa. A partir disso, Barthes, em *A Câmera Clara*, procurou no retrato de sua mãe criança a causa de seu luto. Lu Brito, ao contrário, não se debruça sobre o causal, mas em sua inquirição. Na busca de si e em autorretratos produzidos usando tecnologia de alucinação, ela formula uma não-recordação. Isto é, um agir repetitivo que se põe em ato não pela memória, mas pela criação do novo. Um afogamento dentro do que falta – justamente por estar fora do passado e da lembrança –, ocasionado pelo trauma e pelo desejo no presente instantâneo da vida. Seus *Múltiplos* não são, portanto, um escape do real, e sim o encontro com ele, a *Tiquê* lacaniana¹.

Nele, Lu Brito propõe a descoberta de si: de tudo o que é seu e que acaba invisibilizado pelo consumo da carne do pensamento sensível. Ao encontrar-se, ela encarou os próprios monstros – aqueles cuja fantasia possibilita continuar a viver. Em *Webmonster*, a sugestão de proximidade com a Hidra de Lerna, o Ciclope e a figura da guilhotinada leva a uma tríplice relação monstruosa: a duplicação incessante do mundo pelas novas tecnologias; a visão unidimensional diante dos poderes vigentes que esvazia a diferença entre o nome e a coisa, a forma e o conteúdo; e, por fim, a produção de um corpo sem cabeça que simboliza a violência contra as mulheres por meio da destituição do conhecimento. Mulheres, como Lu, que estão fora da norma². Como, então, agir contra o regime da tecnologia dentro da cadeia de significantes à qual toda pessoa está submetida quando faz uso da internet, dos dispositivos móveis, da inteligência artificial na vida diária? Ou, de outro modo, que ações são possíveis a nós, usuárias para desobedecer a programas acerca dos quais muitas vezes conhecemos apenas a superfície?

Defrag se apresenta como uma tentativa de reunificar as partes dissociadas de si ao longo da experiência de estar viva, em uma rede cultural e política que faz de nós, arrisco a generalização, servidoras³: sistemas de padronização de normas de comportamento, homogeneização do conhecimento e produção de alinhamentos utópicos que conformam a convivência em sociedade, inviabilizando o pensamento crítico. O paradigma atual, mantido tanto pelo neoliberalismo quanto pelas instituições coloniais do patriarcado e da família, nos quer fragmentadas, sem capacidade argumentativa. Entregues. Sobreviver ao que se chama vida real não é mais possível pois toda a vida é, em si, uma irrealidade.

Lu Brito produziu todos esses trabalhos durante a crise sanitária mundial causada pela Covid-19. Na pandemia, foi obrigada a olhar a vida, a partir de si. Sem entorno, sem acontecimento, sem memória, sem passado. O imediato presente sem futuro. Tudo vazio. A falta a ser. A repetição de si a leva ao novo do real, paralisado. A artista é uma ilegalidade nesse real: mulher negra que pôde ficar em casa. Repetindo-se enquanto sobrevivente, quando milhares como ela morriam sufocadas pela síndrome respiratória aguda grave do novo coronavírus⁴, Lu Brito recorreu à própria dissolução na imagem fotográfica como ferramenta de denúncia e exposição de um regime necropolítico⁵, como defende Achile Mbembe.

Há ainda o díptico *Metalinguagem*, que pertence a série “?”. Explicar essa interrogação desvela um processo metalinguístico. Porém, à qual pergunta esse sinal interrogativo leva? A um questionamento sobre o vazio, visto que nada existe antes nem depois? Ou a uma questão sobre o cheio e, por isso mesmo, impossível de ser formulada? Na esteira da descoberta de si, duvidar, interrogar e perguntar são ações com as quais são traçados caminhos possíveis para encontrar-se com o real. A língua em direção ao ouvido faz pensar noutro ser imaginário, o Ouroboros. A infinitude associada à imagem da serpente que come a própria cauda revela aqui dois pontos congruentes à *Metalinguagem* de Lu Brito: de um lado, a vida só é movimento pela elaboração de perguntas, haja visto que toda resposta é um fim e, portanto, uma interrupção; do outro, a autofagia da cobra que se revela antropofagia em Lu Brito ao tentar “desaprender o imperialismo”⁶.

Sim, toda repetição é política mesmo quando esse excesso de realidade me confunde. Repetir, repetir, repetir produz um encontro com a vida, uma política em favor da sombra. A escolha pela imagem em preto e branco é a primeira camada de significação em busca da verdade que se dá na sombra da imagem, e não à luz de algo. Desse modo, faz-se um juízo crítico sobre a luminosidade, sobre as certezas universais impostas pela história de um ocidente cujo narrador tem sido um genérico padrão: homem branco cis e heterossexual. *Embora haja excesso* é sobre Lu, sobre você, mas principalmente sobre todas as mulheres que precisam usar a força vital das próprias vísceras para implodir esse sistema hostil e perverso para o qual a vida é exceção.

Fábio Gatti
artista visual e curadora

This excess of reality confounds me or all repetition is political

It's difficult to see when everything is bigger than your own eyes. To make it easier, Lu Brito repeats herself. Perhaps she couldn't see herself and that's why she resorted to more of her: maybe even an excess, which can be the remainder, that extra amount of something, and at the same time the illegality which exists when the limits of some current norms are exceeded. To go beyond the law – a political position in this case – is excess. This abundance, as much in the artist's creative posture as in her life, represents the idea of intensity as the organizing impulse in the breakdown of what is real. And, in this reality, repetition opens a gap.

In Lacan's *Le séminaire. Livre XI*, this opening in what is real is a lack of being: that which opens itself when it considers that is has defined a cause. Following on from that, Barthes, in *La Chambre Claire*, sought the cause of his grief in the portrait of his mother as a child. Lu Brito, however, doesn't rest on the causal, but on inquiry. In the search for herself and in self-portraits made with the technology of hallucination, she formulates non-remembrance. That is, a repetitive activity which puts itself to work not through memory, but through the creation of something new. Drowning in what is not there – precisely by staying outside of the past and memory – occasioned by trauma and desire in the instantaneous present of life. *Múltiplos* is not therefore an escape from reality, but an encounter with it, a Lacanian *tuché*¹.

Here, she proposes the discovery of herself: of all that is hers and what is made invisible by eating the flesh of sensitive thought. On finding herself she faces her own monsters – the ones whose fantasy make it possible to go on living. In *Webmonster*, the suggestion of proximity to the Hydra, the Cyclops and the guillotined figure present a triply monstrous relationship: the incessant duplication of the world by new technology; the one-dimensional vision before the powers-that-be, which empty the difference between the name and the thing, the form and the content; and finally a headless body symbolizing violence against women by means of the destitution of knowledge. Women, like Lu, who are out of the norm². How then to act against the techno-regime within the chain of meanings to which everyone is exposed when they make use of the internet, of mobile devices and artificial intelligence in everyday life? Or, in other word, what actions are available to us, the users, if we are to disobey programmes that we often know only the surface of?

Defrag is an attempt to reunify the parts of oneself which have become disassociated through the experience of living in a cultural and political network which leaves us exposed to generalization, servers³, the standardization of behavioural norms, the homogenization of knowledge and utopian alignments for the convenience of society, which make critical thinking unviable. The current paradigm, maintained as much by neo-liberalism as by the colonial institutions of the patriarchy and the family, wants us fragmented, without the capacity to argue. Served up. Surviving real life is no longer possible because all of life itself is an unreality.

Lu Brito produced all of this work during the Covid-19 global public health crisis. In the pandemic she was obliged to look at life from within herself. Without surroundings, without events, without memory, without the past. The immediate present without a future. Completely empty. A lack of being. The repetition of herself takes her to the new in what is real, what is paralysed. The artist is an illegality within this reality: a Black woman who could stay at home. Repeating herself as a survivor, while thousands like her were suffocated by the acute respiratory syndrome of the novel corona virus⁴, Lu Brito resorted to her own dissolution in photographic images as a tool to denounce and expose a necropolitical⁵ regime, as Achile Mbembe has said.

There is also the diptych *Metalinguagem*, which belongs to the series “?”. Explaining this question mark unveils a metalinguistic process. But to which question does this interrogative sign lead? To a questioning of emptiness, since nothing exists either before or after? Or to a question about fullness, which as such is impossible to formulate? On the treadmill of self-discovery, doubting, questioning and asking are the actions with which the possible paths to a meeting with reality are traced. The tongue towards the ear turns thoughts to another imaginary being, the ouroboros. The infinitude associated with the image of the serpent which eats its own tail reveals two congruent points in the *Metalinguagem* of Lu Brito: on one side, life is only made movement by the elaboration of questions, since every answer is an end and thus an interruption; on the other, the autophagy of the snake reveals itself to be cannibalism in Lu Brito in trying to “unlearn imperialism”⁶.

Yes. All repetition is political even when this excess of reality confounds me. Repeat, repeat, repeat, produces an encounter with life, a policy in favour of shade. The choice of images in black and white is the first layer of significance in the search for the truth which appears in the shadow of an image and not in the light of something. Thus a critical judgement is made on luminosity, on the universal certainties imposed by a Western history whose narrator takes a standard form: a cis heterosexual white man. *Embora haja excesso* is about Lu, about you, but principally about all the women who need to use their vital strength to implode the hostile and perverse system for which life is the exception.

Fábio Gatti
visual artist and curator

¹ LACAN, J. (1988). *O seminário, livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. p.56.

² A figura da Hidra de Lerna é tratada por Borges (2007) em O livro dos seres imaginários, p. 120-121. A ideia da visão unidimensional é discutida por Bavcar (2003) no ensaio Um outro olhar, presente no livro Memória do Brasil. A guilhotina como um instrumento de violência contra a mulher tem como orientação a luta da sufragista Olympe de Gouges (1748-1793) por direitos igualitários, decapitada em praça pública durante a Revolução Francesa.

³ A noção de servidor aqui é uma metáfora ao computador com grande capacidade de armazenamento e processamento, cujo objetivo é conectar outros computadores através de uma rede.

⁴ Estudos realizados pela Rede de Pesquisa Solidária da USP, no ano de 2021, revelaram que as mulheres negras foram o grupo de maior mortalidade por Covid-19 no Brasil (importante salientar que a coordenação científica dessa Rede esteve sob o comando de uma pesquisadora mulher, Profa. Dra. Lorena Guadalupe Barberia).

⁵ Necropolítica é o nome do ensaio de Achile Mbembe, publicado na Revista Arte & Ensaios, da UFRJ, em 2016, disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>.

⁶ *Desaprender o imperialismo* é um conceito da pesquisadora Ariella Aïsha Azoulay, tratado em seu livro *Potencial History: unlearning imperialism*, que propõe uma crítica ao modo como o conhecimento ocidental é elaborado, suas consequências e vieses. Já a noção da antropofagia remonta ao *Manifesto Antropofágico* de Oswald de Andrade, uma crítica ao imperialismo e “contra a realidade social”.

¹ LACAN, J. (1988). O seminário, livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. p.56.

² The Hydra is described by Jorge Luis Borges in his Manual de Zoología Fantástica. The idea of one-dimensional vision is discussed by Bavcar (2003) in the essay Um Outro Olhar, which is included in the book Memória do Brasil. The notion of the guillotine as an instrument of violence against women is based on the struggle of the suffragette Olympe de Gouges (1748-1793) for equal rights, who was publicly beheaded during the French Revolution.

³ Server here is metaphor for a computer with great storage and processing capacity, the function of which is to connect other computers by means of a network.

⁴ Studies carried out by the Rede de Pesquisa Solidária at USP in 2021 showed that Black women were the group with the highest Covid-19 mortality rate in Brazil (note that the scientific co-ordination of this network was under the command of a female researcher, Dr. Lorena Guadalupe Barberia).

⁵ Necropolítica is the title of an essay by Achile Mbembe, published in the magazine Arte & Ensaios of UFRJ, in 2016: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>.

⁶ *Unlearning Imperialism* is the concept of the researcher Ariella Aïsha Azoulay, described in her book Potential History: Unlearning Imperialism, which criticises the way in which Western knowledge is elaborated its consequences and biases. The notion of anthropophagy can be traced back to the Manifesto Antropofágico by Oswald de Andrade, a criticism of imperialism “against social reality”.